

Globalização Económica e Fragmentação Geopolítica

- A Caminho de um Mundo de Equilíbrios Instáveis e Temporários?

José Manuel Félix Ribeiro
Economista



Este artigo estrutura-se em três vertentes:

- A identificação e inter-relacionamento de processos cruciais que decorrem ao nível da Economia Global;
- A identificação e inter-relacionamento de processos cruciais que decorrem ao nível da Geopolítica Mundial;
- A formulação, em termos meramente exploratórios, de algumas articulações entre os dois níveis referidos.

1. ECONOMIA MUNDIAL – TENSÕES EM TORNO DA GLOBALIZAÇÃO?

De entre os Processos Cruciais em curso na Economia Mundial, podem destacar-se os seguintes:

Ampliação e “Regionalização” da Economia Mundial – que envolve, nomeadamente, os seguintes aspectos:

- Expansão generalizada da **Economia de Mercado**, na sequência do colapso dos sistemas socialistas e dos modelos económicos autárquicos e proteccionistas, com a eventual manifestação de problemas agudos nas fases de transição e com dificuldades de inserção de alguns países em transição, no quadro de regras que estruturaram a economia mundial no pós guerra;
- Surgimento de um conjunto de **Economias Emergentes**, de entre países em desenvolvimento e em transição, que levaram mais longe a lógica de liberalização, privatização, abertura ao comércio internacional e aos capitais estrangeiros, convertibilidade das moedas, transformação dos sistemas financeiros com o desenvolvimento de mercados de capitais (enquanto, em muitos casos os sectores bancários permaneciam protegidos da concorrência externa), economias que se encontram basicamente na Ásia, mas também na América Latina, na Europa Central e Turquia;
- Afirmção da zona da **Ásia/Pacífico** como base gigantesca de produção industrial à escala mundial, a qual, iniciada com o desenvolvimento fulgurante do Japão, se estendeu sucessivamente aos NIC, a alguns países da ASEAN e às províncias costeiras da China; este processo de

desenvolvimento rápido coloca, no entanto uma grande pressão sobre os seus sistemas financeiros ainda pouco sofisticados, os quais poderão atravessar crises com fortes repercussões regionais e impactos negativos no seu ritmo de crescimento^(*); enquanto algumas das Economias Emergentes, nomeadamente na América Latina, são grandes produtores de matérias primas e fabricam produtos da sua transformação, na Ásia/Pacífico a industrialização não directamente baseada nos recursos naturais, tem revestido um papel muito mais central;

- Emergência de novas **"Províncias Energéticas"**, com destaque para a Bacia do Cáspio que, com o Golfo Pérsico, tenderá a constituir uma região com vocação para abastecimento mundial, ao mesmo tempo que se vai assistir a uma corrida à "regionalização" das fontes de abastecimento energético por parte dos EUA, Europa e da Ásia/Pacífico, envolvendo, designadamente as áreas continentais e os "off-shore" do Golfo do México e da África Ocidental, o Cáucaso, e a Rússia, e o "off-shore" dos Mares da China;
- Desenvolvimento de novas **"Províncias Mineiras"** na América Latina, Austrália e Sueste Asiático, em detrimento das tradicionais "províncias" da África e da América do Norte, mantendo-se uma incógnita relativamente à Rússia;
- Tendência para a "regionalização" da economia mundial, traduzida na criação de **"Agrupamentos Económicos Regionais"** (com destaque para o "Sul" do planeta), que envolverão países geograficamente próximos, que em muitos casos ultrapassaram (ou vão ultrapassar) histórias recentes de conflito ou desconfiança e que procuram passar a gerir em conjunto aspectos da inserção na economia global (desde a criação de zonas de comércio livre, uniões aduaneiras ou formas ainda mais ambiciosas de integração) e promover a construção integrada de redes de transportes, energia e comunicações e a gestão comum de problemas ambientais de natureza transfronteiriça.

"Alteração das Relações de Forças entre as Potências" (vd. pela diferente

(*) A actual crise, irá atrasar sem dúvida o desenvolvimento da Ásia/Pacífico, forçar a reformulações de "modelos de capitalismo", desestabilizar duradouramente alguns países, mas não parece vir a pôr em causa o seu papel crucial dessa "macro-região" no futuro da Economia Mundial, a médio e longo prazo;

Globalização da Economia Mundial – que envolve, nomeadamente os seguintes aspectos, que indicam o modo particular como se está a realizar a “Ampliação e Regionalização da Economia Mundial”:

- Liberdade de circulação de capitais e forte intensidade dos seus movimentos à escala planetária, quer sob a forma de “investimentos de carteira”, quer de “investimento directo internacional” e crescimento do papel internacional dos investidores institucionais dos países desenvolvidos (em contraste com o papel desempenhado anteriormente pelos grandes bancos); os movimentos de capitais a curto prazo, entre países desenvolvidos e “Economias Emergentes” cresceram rapidamente, baseados na convertibilidade das moedas dessas economias ao nível da balança de capitais, sem que esse processo tenha sido monitorizado e controlado, a nível multilateral;
- Investimento directo internacional, subcontratação internacional e alianças empresariais à escala mundial, levando à criação de redes mundiais integradas de produção, servidas por cadeias logísticas intercontinentais e intermodais, fortemente informatizadas;
- Forte crescimento do comércio internacional de bens e serviços, com o surgimento de novos pólos de oferta competitiva, mas com um peso crescente e dominante do comércio intra-firmas e intra-redes, tornando mais difícil o recuo para soluções proteccionistas, centradas em “blocos comerciais regionais”;
- Difusão generalizada de um modelo de consumo e do respectivo capital simbólico, em especial entre as jovens gerações, apoiada na mundialização dos “*media*”; mas com emergência paralela de movimentos localizados de rejeição do quadro de valores veiculado por esse modelo;
- Funcionamento da economia mundial em torno de “redes globais de capitais, gestão e informação”, cujo acesso ao conhecimento tecnológico é condição de produtividade e competitividade, podendo essas redes – que reúnem grandes e pequenas empresas, diferentes “clusters” de actividades e múltiplas localizações à escala mundial – assumir formas em “geometria variável”;
- Concentração das zonas de prosperidade a nível mundial – resultantes de uma plena inserção na dinâmica global – em torno de “pólos” e “corredores”, nalguns casos de natureza transfronteiriça, onde se localizam indústrias e serviços avançados às empresas, que disporão de

excelentes acessos “ao mundo” – portos, aeroportos e telecomunicações – e em que se adensarão os consumos com os padrões de referência mundiais, em paralelo com a desestruturação gradual e parcial dos laços de “coerência produtiva” das anteriores economias nacionais ou macro-regionais.

Competição entre “Modelos de Capitalismo”

Considerando que os “Modelos de Capitalismo” se distinguem pelo modo como se caracterizam e articulam aos seguintes níveis: Sistema Financeiro; Estrutura da Propriedade dos Grandes Grupos Empresariais; Estrutura e Dinâmica Empresarial; Dinâmica da Inovação; Sistema de Pensões e Apoio na Velhice; Sistema de Saúde; Sistema de Protecção Social; Regulação Salarial – podem identificar-se vários “Modelos” que apresentaram até à fase da Globalização da Economia Mundial características bem distintas, e que essa dinâmica da Globalização tem vindo a questionar, embora em graus diferentes. Assim, e a este respeito, podem aventar-se as seguintes hipóteses:

- Tendência à afirmação do “**Modelo Anglo-Saxónico**” como modelo com maior capacidade de adaptação à globalização, e com maior influência global (no duplo sentido de se expandir a novas economias de mercado e de ser parcialmente integrado como peça chave na evolução de outros “Modelos” já existentes); mas a vulnerabilidade da economia dos EUA, líder desse modelo, a crises que envolvam os mercados de capitais e o dólar, pode atingir a sua credibilidade;
- Declínio dos “**Modelo Alemão**” e “**Nipo-Coreano**”, nas suas formas mais completas, com a tentativa simultânea da sua defesa enquanto “Modelos” regionais, respectivamente na Europa Continental e na Ásia/Pacífico, podendo, no caso do “Modelo Nipo-Coreano” ficar sujeito a fortes tensões perante crises graves que afectem os respectivos sistemas financeiros;
- Desarticulação acelerada do “**Modelo Francês**”, com o fracasso de tentativas de transferir elementos desse modelo para o nível regional europeu, sendo de admitir sérias resistências de alguns sectores sociais e políticas a esse declínio, ou a essa desarticulação (o “proteccionismo” que vai estar na ordem do dia nos próximos anos incidirá mais sobre a

tentativa de salvaguardar esses modelos, do que sobre a rejeição de produtos e serviços fornecidos do exterior);

- Formação gradual de um **“Modelo Chinês”**, possivelmente pela “fusão” de elementos presentes actualmente nas economias de Taiwan, Singapura e das zonas costeiras da República Popular da China, apoiando-se na rede dos empresários chineses da diáspora, que constitui, já hoje, e a seguir ao Japão, a grande força económica da Ásia/Pacífico;
- Dificuldades crescentes do **“Modelo OPEP”** de Capitalismo de Estado de Renda Petrolífera, com consequências para o ritmo de expansão da oferta petrolífera e de gás a nível mundial; podendo igualmente levar a situações destabilizadoras a nível político na região do Médio Oriente /Golfo Pérsico.

Mutação Tecnológica Abrangente

Está em curso uma mutação tecnológica, cuja vertente mais conhecida é a “revolução” das tecnologias de informação e telecomunicações, mas que abrange um conjunto de outras áreas. Esta Mutação suporta e dinamiza a Globalização. Assim naquela “revolução” incluem-se aspectos como:

- **Digitalização** geral do processamento, transmissão e “armazenamento” da informação nas suas diversas formas (voz, dados, imagens fixas e audio/vídeo) e desenvolvimento das actividades de codificação – “software” – como actividades fulcrais para o funcionamento das economias;
- Generalização do acesso a **redes de informação de âmbito global**, com funcionamento interactivo e conteúdos multimédia (vd INTERNET) levando a uma corrida à inovação nos equipamentos terminais, no desenvolvimento de novo “software” e na criação/actualização das bases de dados;
- Transformação paralela dos **processos de concepção** e desenvolvimento de produtos e sistemas, dos meios de educação e dos meios de entretenimento, em torno das mesmas famílias de tecnologias – imagem digital, grafismo computacional, simulação, realidade virtual, etc;
- Transformação significativa nas esferas monetária e comercial, com o desenvolvimento da **“moeda electrónica”** (associada, eventualmente a

uma maior competição entre moedas internacionais, por parte dos utilizadores) e das formas de tele-comércio.

Mas essa mutação tecnológica abrangente inclui, com destaque outras vertentes:

- Crescentes funções civis das **Tecnologias do Espaço**, nomeadamente como suportes fundamentais da "Sociedade da Informação", incluindo as redes de âmbito macroregional ou global, da TV digital directa por satélite, da telefonia móvel e das comunicações múltiplas, usando satélites geostacionários ou "clusters" de satélites em órbita baixa, acompanhadas por uma série de inovações nos métodos de acesso ao espaço;
- Crescente importância das "**Tecnologias Limpas**" incluindo uma revolução gradual nos transportes urbanos (novos combustíveis, novas motorizações, novos modos de comando e controlo dos veículos); o desenvolvimento de novos materiais estruturais e funcionais para a energia; a difusão de novas soluções no campo da energia solar para produção de electricidade; novas tecnologias de processo menos poluentes na transformação de matérias primas em materiais, etc;
- Novas **Tecnologias na área da Saúde** (vd. biotecnologias, terapia génica, novos fármacos, novas estratégias de concepção de fármacos, novos meios e equipamentos de diagnóstico, novas tecnologias de intervenção não intrusivas, novas soluções para doenças crónicas, próteses mais sofisticadas etc) e da **Agropecuária** (vd, espécies geneticamente transformadas, biopesticidas, etc).

Esta mutação tecnológica tem estabelecido uma clara diferenciação entre as economias mais desenvolvidas, contrapondo, de um lado os EUA, liderando a generalidade das vertentes referidas, e os outros países, que no entanto competem /cooperam com os EUA em alguns dos domínios referidos – veja-se o caso do Reino Unido (vd. – "ciências e tecnologias da Vida" e aeroespacial), do Japão ("microelectrónica e equipamento audiovisual"); Alemanha (novas tecnologias para motorização de veículos); França (aeroespacial);), Suécia/ Finlândia (comunicações móveis). Sendo que esta supremacia dos EUA é indissociável da gigantesca mobilização de capital de risco e de capital bolsista para apoio à criação e ao desenvolvimento de empresas motoras do desenvolvimento tecnológico.

Regulação Económica Global

O conjunto de Processos referidos não se articula espontaneamente de um modo sinérgico e gerador de complementaridades multiplicadoras de “efeitos virtuosos”. Essa articulação tem um potencial de geração de impactos contraditórios e desestabilizadores do crescimento sustentado. Daí a questão crucial dos **Processos de Regulação da Economia Mundial** aos níveis comercial, monetário e financeiro e ambiental, podendo identificar-se incertezas cruciais, algumas das quais já claramente visíveis nas actuais crises monetárias e financeiras das Economias Emergentes:

- Fragilidade potencial do Sistema Multilateral de Comércio, face a tendências de “Regionalismo Preferencial” (em contraste com formas de “Regionalismo Aberto”), a comportamentos unilateralistas dos EUA e à dificuldade de integração da China e Rússia nesse Sistema;
- Existência de um processo continuado de liberalização dos movimentos de capitais à escala mundial, incluindo de capitais a curto prazo, que se tem vindo a realizar, nomeadamente nas economias emergentes, sem a reforma multilateralmente monitorizada, dos seus sistemas financeiros;
- Instabilidade resultante da conjugação da abertura comercial à escala mundial e da liberdade de circulação de capitais, incluindo a curto prazo, com a existência paralela de regimes de câmbio alinhados com uma “moeda âncora” e com a permanência de mecanismos de “protecção financeiro” por parte das Economias Emergentes;
- Limitações das actuais instituições multilaterais, na área monetária e financeira, para acompanhar – com autoridade e meios de sancionamento – a transformação dos sistemas financeiros nacionais, prévia à liberalização dos movimentos dos capitais; para supervisionar os mercados internacionais de capitais e definir as regras a que devem obedecer os operadores que neles intervêm – incluindo os “*hedge funds*” – e para intervir no sentido de limitar os “estragos” que crises financeiras possam provocar;
- Vulnerabilidade do dólar, como centro do Sistema Monetário Internacional, face à eventualidade do EURO poder introduzir factores de instabilidade cambial, não havendo garantias à partida, de que EURO venha a constituir uma moeda estável e possa ser gerida por forma a

assegurar funções estabilizadoras a nível do sistema monetário internacional;

- Necessidade e, ao mesmo tempo, dificuldade, em impor disciplina a nível mundial, relativamente a certos aspectos de poluição e/ou degradação ambiental, com efeitos potencialmente mais desestabilizadores sobre o clima, exigindo introdução de novas tecnologias nos países desenvolvidos e transferências de recursos para os países em desenvolvimento.

A Figura I procura apontar algumas hipóteses de **direcções de influência estruturantes** do relacionamento entre os diversos Processos referidos.

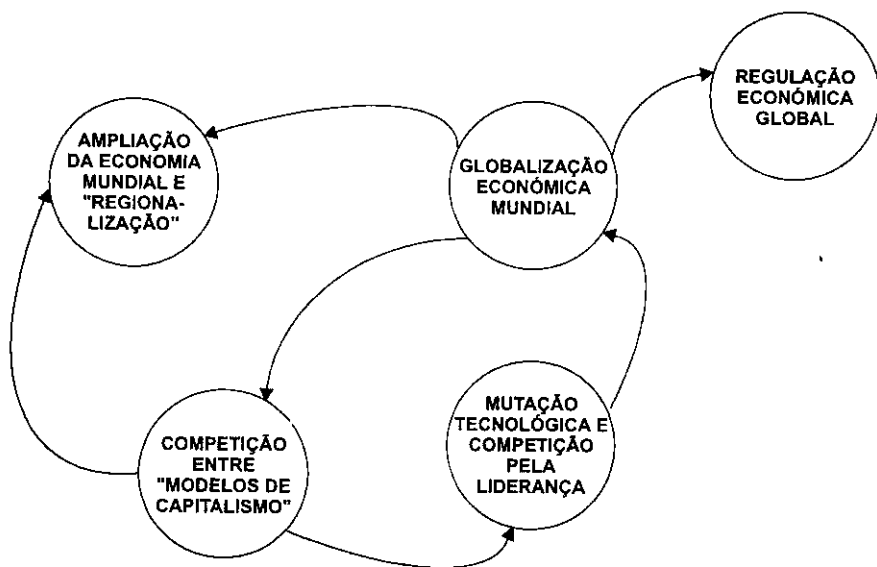


Figura I – Processos cruciais na Economia Mundial e Direcções de Inter-Relação

Desta **Figura I** ressaltam as seguintes direcções de influência potencial:

- A "Globalização da Economia Mundial" enquadra e influi (positivamente ou negativamente) sobre a dinâmica de "Ampliação e Regionalização da Economia Mundial", ao intensificar a interdependência entre

as economias e ao expor as Economias Emergentes às vantagens e aos riscos da livre movimentação de capitais, incluindo os a curto prazo;

- A “Globalização da Economia Mundial” determina desafios diferenciados sobre os “Modelos de Capitalismo”, forçando-os a evoluções que ampliem a capacidade de inserção na dinâmica da Globalização, ou pode determinar resistências internas a mudanças estruturais que levem a recuos na abertura à economia global ou ao reforço de tendências proteccionistas, incluindo sob a forma de reforço dos “Agrupamentos Económicos Regionais”;
- A “Competição entre Modelos de Capitalismo”, por sua vez, influi na maior ou menor capacidade das economias desenvolvidas reagirem e participarem no processo de “Mutação Tecnológica e Competição pela respectiva Liderança”, reforçando ou enfraquecendo, a posição mundial das economias que concretizam cada um dos “Modelos de Capitalismo”;
- A “Mutação Tecnológica”, por sua vez cria as infraestruturas da “Globalização da Economia Mundial”; exige, pelo custo de I&D, a existência de mercados globais para os novos produtos e sistemas tecnologicamente mais intensivos; e provoca a atracção de capitais de todo o mundo para as economias com papel de liderança tecnológica, reforçando, a capacidade destas suportarem défices externos;
- A “Globalização da Economia Mundial” poderá reforçar-se e gerar um período sustentado de crescimento económico, ou pelo contrário ser acompanhada por uma sucessão de crises monetárias e financeiras que, sem pôr em causa as “molas” do crescimento a médio e longo prazo, vão implicar crescimento “em dentes de serra” e assimetrias a nível mundial – ou mesmo recessões graves de percurso – conforme a qualidade da “Regulação Económica Global” (incluindo nestes mecanismos automáticos de regulação e intervenções institucionais).

2. GEOPOLÍTICA MUNDIAL

– INCERTEZAS EM TORNO DA FRAGMENTAÇÃO GEOPOLÍTICA

A nível Geopolítico Mundial podem identificar-se igualmente cinco Processos Cruciais:

Democratização Versus Crises dos Estados – este Processo integra elementos actuando em sentido contraditório:

- Difusão e consolidação do modelo político democrático, nomeadamente na Europa de Leste, na América Latina e em partes da Ásia Marítima mais desenvolvida, revestindo aqui, eventualmente, aspectos particulares; sendo que a generalização, nos países em desenvolvimento, do modelo de economia de mercado e da opção pela inserção na economia mundial, poderá ser acompanhada pelo reforço de movimentos e partidos que reivindicam uma relação directa com as religiões dominantes, como forma de afirmação de identidade dos Estados;
- Complexidade na evolução política interna de alguns Estados da Ásia/ /Pacífico, com particular destaque para o caso da China, pelo impacto que a sua evolução terá a nível regional e mundial; as incertezas no caso chinês estão associadas ao colapso da ideologia que fundamentava o partido único; ao crescimento de fenómenos de corrupção e de “localismo” por parte do aparelho desse partido; ao impacto de uma rápida urbanização sobre uma estrutura partidária tradicionalmente vocacionada para o enquadramento de massas camponesas e pela existência de problemas de unificação nacional e de reivindicações territoriais que poderão alimentar uma ideologia nacionalista, como factor de legitimação do poder;
- Colapso das estruturas do Estado, herdadas do período colonial, e reconstruídas superficialmente no período pós-colonial, em certas áreas do mundo em desenvolvimento (e nomeadamente em África), com o crescimento paralelo dos conflitos étnicos e tribais e de tentativas de reorganização política com respeito por bases étnicas e/ou regionais, que poderão levar à partição/ surgimento de novos Estados (não obstante a oposição que inicialmente esse processo encontrará na comunidade internacional);
- Possíveis dificuldades de funcionamento das democracias dos países desenvolvidos, em consequência da conjugação do reforço do peso dos interesses corporativos, do carácter crescentemente dualista das sociedades, das mais prementes necessidades de segurança interna, do desenvolvimento de separatismos e da crise generalizada de valores unificadores; no caso dos EUA uma das maiores transformações políticas em curso, no período pós-guerra fria, materializa-se na influência

crescente que grupos fundamentalistas de matriz protestante ganharam sobre a vida política americana (quer através da sua entrada num dos dois grandes partidos tradicionais, quer condicionando a sua actuação do exterior dos partidos, quando não mesmo das instituições políticas);

- Dificuldade em manter, e ainda muito mais em construir de novo, num período de globalização económica, grandes entidades políticas ou estatais, fortemente heterógeneas do ponto de vista nacional, étnico ou económico, devido às oportunidades que essa globalização oferece a unidades políticas de menor dimensão, mas com forte coesão nacional (coesão que assegure o funcionamento de mecanismos mínimos de solidariedade, mais do que nunca necessários num contexto de globalização e competitividade mundial) e com um tecido económico suficientemente diverso e competitivo.

Fragmentação Geopolítica

- Desaparecimento dos factores de organização e contenção associados à estrutura bipolar da “Guerra Fria” (com a excepção possível do combate à proliferação nuclear) e ao seu papel na “globalização” das tensões e conflitos regionais;
- Manutenção, para já, da estrutura geopolítica de base, que tem suportado a liderança mundial dos EUA – o facto de o Japão, a Alemanha e a Árabia Saudita, grandes actores económicos, dependerem vitalmente da “protecção” dos EUA, para a sua segurança, numa configuração em que “poder económico” e “poder militar” estão claramente separados, excepto para a potência líder; embora se antevejam, a médio prazo, riscos crescentes de uma evolução menos alinhada com os EUA por parte da Arábia Saudita, levando a um profundo realinhamento no mundo árabe e islâmico;
- Afirmção mais pronunciada de dinâmicas regionais, nos domínios geopolíticos e de segurança, com emergência de potências regionais com maior liberdade de acção; e eventuais dificuldades dos EUA em actuar nesta **Multiplicidade de “Complexos Regionais de Segurança”** (no sentido explicitado por Barry Buzan em *“People, States and Fear”* edição de 1991, da Harvester Wheatsheaf) – configuração conceptualmente diferente da que habitualmente se designa por **Multipolaridade**;

- Desvalorização estratégica da Europa, e crescimento da importância estratégica de um “Arco de Crise” que engloba: Ásia Central-Médio Oriente/Golfo Pérsico-Ásia do Sul-Ásia Pacífico, com destaque, nesta última, para os contenciosos territoriais na “Fronteira Marítima”; por sua vez, ao longo deste “Arco” tenderão a acumular-se focos de tensão que se distribuem, quer numa das “macroregiões” mundiais economicamente mais dinâmicas, quer na “macroregião” onde se concentram as maiores reservas mundiais de petróleo;
- Na Europa, reforço da importância da região que estabelece o “nexo” com o Leste “Arco de Crise”: os Balcãs.

Alteração na Relação de Forças entre Potências – cujos traços previsíveis se podem resumir do seguinte modo:

- Permanência dos EUA como a única potência ainda com capacidade de projecção de poder à escala mundial; mas num contexto de incertezas, quer quanto à capacidade de mobilização interna duradoura das “energias políticas” necessárias ao exercício da liderança, quer quanto à solidez futura das alianças externas estabelecidas durante as várias fases da “guerra fria”;
- Declínio do poder externo (e da base económica interna) da Rússia, dividida entre os extremos da opção por uma colaboração estreita com os EUA e seus aliados, face aos riscos inerentes ao surgimento de novas potências, e da utilização da ascensão destas, para reduzir a influência global dos EUA;
- Emergência complexa, e possivelmente tumultuosa, de novas Grandes Potências que tenderão a afirmar-se primeiro como actores principais nos “complexos regionais de segurança” em que se inserem; potências essas situadas, na generalidade dos casos, no “Arco de Crise” já referido (vd. casos da China, Índia e Irão); ao mesmo tempo que se assistirá à aquisição de tecnologias e sistemas militares de enorme poder destrutivo, por parte de um conjunto de outros Estados, de média dimensão, mas dispondo de bases económicas que lhes podem permitir o acesso continuado a essas tecnologias e esses sistemas, com vários desses Estados igualmente situados no referido “Arco de Crise”;
- Desenvolvimento de formas “não estatais” de influência sobre o comportamento das actuais grandes potências, na base de redes de organi

zações e indivíduos (vd. redes terroristas, redes de narcotráfico, etc) dispondo de meios sofisticados e altamente letais, organizações eventualmente apoiadas por “Estados Perturbadores”.

“Mutação Tecnológica Militar”, englobando duas vertentes:

- Difusão das armas que foram protagonistas da “Revolução Tecnológica Militar” anterior – armas de destruição maciça, mísseis balísticos, sistemas de observação por satélite; aviação militar e meios de detecção radar – por um conjunto de Estados do “Sul” do planeta;
- Consolidação, sob a liderança dos EUA, de uma nova “Revolução Tecnológica Militar” que, entre outros aspectos, tenderá a valorizar as novas armas convencionais de ultra-precisão, podendo servir, entre outras funções, como armas estratégicas; a observação e coordenação da “batalha” a partir do espaço exterior e com base nas tecnologias da informação; a utilização dos oceanos como bases de ataque em profundidade, e com elevada precisão, de alvos terrestres; o desenvolvimento crucial da “guerra electrónica”, o eventual surgimento de sistemas anti-mísseis balísticos operacionais etc;

Dificuldades de Regulação Estratégica e Geopolítica – incluindo:

- Incertezas quanto ao “regime nuclear” que prevalecerá à escala mundial, prendendo-se estas incertezas com as questões do ritmo e profundidade do desarmamento nuclear; do estatuto das potências nucleares não declaradas; da proliferação das armas de destruição maciça; da proliferação das tecnologias dos mísseis balísticos; do futuro dos sistemas ABM estratégicos e da eventual implantação de sistemas anti-mísseis de “teatro”; da segurança dos materiais e instalações nucleares; da eventualidade de terrorismo nuclear, etc;
- Incerteza quanto ao modo de contenção das tensões e conflitos latentes, nomeadamente ao longo do “Arco de Crise” atrás referido, nomeadamente no que respeita à actuação e posicionamento recíproco das grandes potências e a eventuais mudanças de alinhamento internacional das potências regionais e de outros Estados com importância para os “equilíbrios regionais”;
- Incertezas quanto aos quadros institucionais, mecanismos de intervenção e disponibilidade das grandes potências para intervir nos casos de

- conflitos étnicos e guerras civis com impacto na estabilidade regional, incluindo por mandato de organizações internacionais multilaterais;
- Incertezas quanto aos quadros institucionais e formas de colaboração internacional para o combate ao terrorismo, ao crime organizado e ao narcotráfico – novos terrenos para a definição de alianças e acordos de longa duração entre grandes Potências, e entre estas e outros Estados.

A Figura II procura apontar algumas hipóteses de direcções de influência estruturantes do relacionamento entre os diversos Processos referidos.

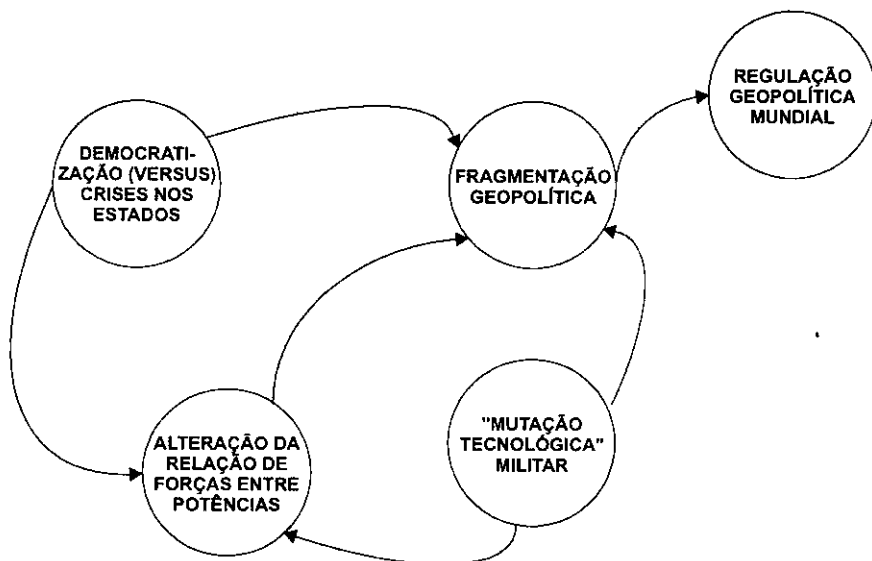


Figura II – Processos cruciais na Geopolítica Mundial e Direcções de Inter-Relação

Desta Figura II ressaltam as seguintes direcções de influência potencial:

- A "Alteração na Relação de Forças entre as Potências" influencia decisivamente os contornos específicos que pode revestir a "Fragmentação Geopolítica", incluindo, como aspecto central, a dinâmica dos "complexos regionais de segurança";
- A "Mutação Tecnológica Militar" exerce uma dupla influência – estreitamente ligada ao "par" anterior – constituindo um elemento central na

capacidade económica e tecnológica dos Estados para assimilarem, ao seu nível próprio, um dos aspectos daquela Mutação, atrás referidos); e contribuindo para mudar o peso relativo dos actores internos e externos nos diversos “complexos regionais”, contribuindo para a sua evolução;

- A “Democratização *versus* Crises dos Estados”, influi igualmente sob o já referido “par”, ao influir na capacidade efectiva de exercício de poder na cena internacional por parte dos Estados – “Alteração da Relação de Força entre as Potências” – e ao poder determinar (vd. pela crise de um Estado integrado num “complexo regional”) um realinhamento de alianças no seio desse “complexo”, gerando eventualmente um nível maior de conflitualidade aberta – “Fragmentação Geopolítica”;
- A “Fragmentação Geopolítica” gera enorme tensão sobre os mecanismos e instituições de Regulação, nomeadamente sobre os que foram característicos do período da “guerra-fria” podendo forçar a sua renovação (vd. ampliação de composição, reformulação de objectivos, nova repartição de influências); provocar a sua crise definitiva, sem substitutos próximos, determinando o reforço do carácter “caótico” da cena internacional; ou gerar elementos embrionários de nova “Regulação”.

3. NOTA FINAL

Para concluir este artigo aponta-se para que as dinâmicas de interacção entre “Globalização da Economia Mundial” e “Fragmentação Geopolítica” não se realizam directamente, mas sim através do encadeamento de Processos que, situando-se respectivamente nos níveis “Economia Global” e “Geopolítica Mundial”, acabam por conectar indirectamente os dois aspectos referidos. A Figura III ilustra um desses encadeamento-chave. Assim:

- A “Regulação Económica Global” e a “Regulação Geopolítica Mundial” têm – essas sim – uma influência directa e mútua, sendo a “Alteração na Relação de Forças entre as Potências” um Processo chave que influencia as duas dinâmicas de Regulação.

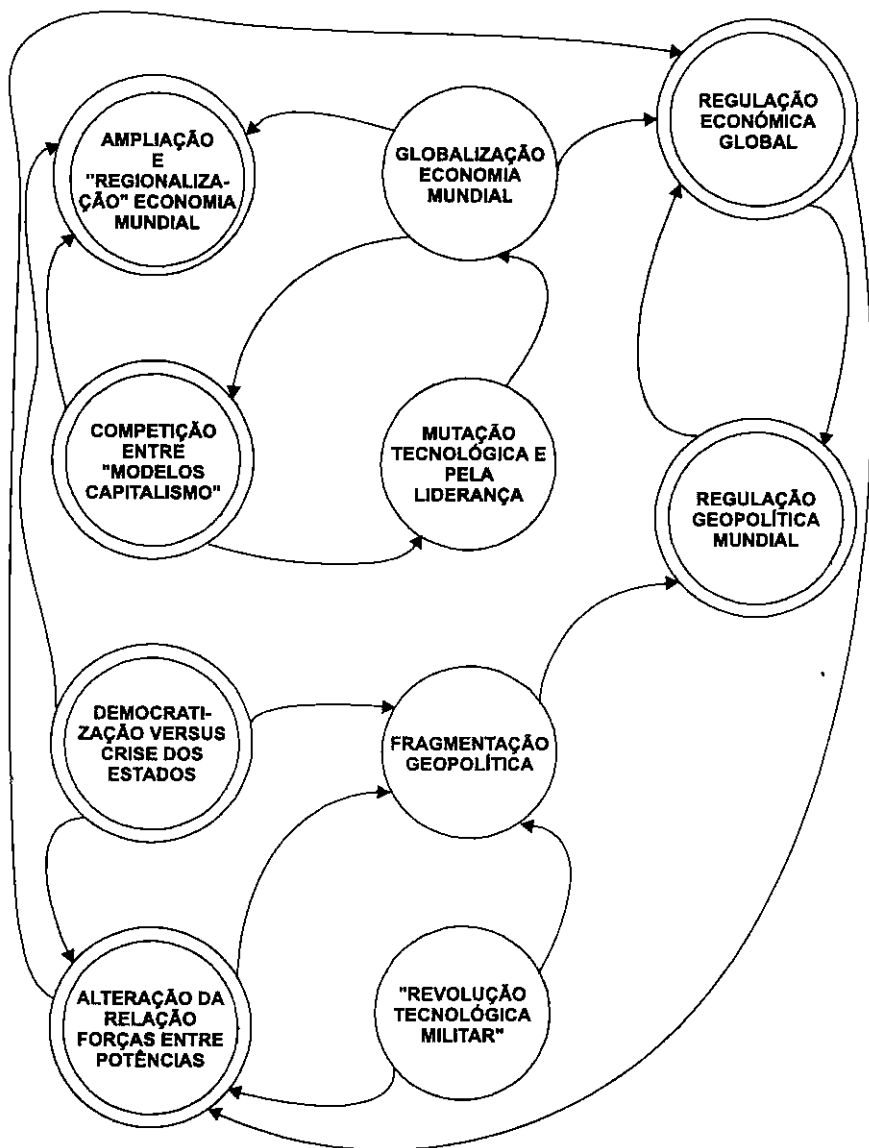


Figura III – Interrelações entre os Níveis
– Economia Global e Geopolítica Mundial – Um Exemplo